

AMANDA MARTINS RODRIGUES

**OH! IDE, BACANTES!:** a participação feminina em  
rituais dionisíacos



ARARAQUARA – S.P.  
2022

AMANDA MARTINS RODRIGUES

# **OH! IDE, BACANTES!:** a participação feminina em rituais dionisiacos

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientador:** Prof. Dr. Fernando Brandão dos Santos

ARARAQUARA – S.P.  
2022

R696o

Rodrigues, Amanda Martins

Oh! Ide, Bacantes! : a participação feminina em rituais dionisíacos /  
Amanda Martins Rodrigues. -- Araraquara, 2022  
27 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Letras) -  
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e  
Letras, Araraquara

Orientador: Fernando Brandão dos Santos

1. Rituais. 2. Dioniso. 3. História Feminina. 4. As Bacantes. 5.  
Eurípides. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de  
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AMANDA MARTINS RODRIGUES

# OH! IDE, BACANTES!: a participação feminina em rituais dionisiacos

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras.

**Orientador:** Prof. Dr. Fernando Brandão dos Santos

Data da defesa/entrega: 04/02/2022

## MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

---

**Presidente e Orientador:** **Prof. Dr. Fernando Brandão dos Santos**  
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP).

---

**Membro Titular:** **Prof. Michel Ferreira dos Reis**  
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP).

---

**Membro Titular:** **Profa. Flávia Regina Marquetti**  
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP).

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
**UNESP – Campus de Araraquara**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a meu orientador, Prof. Fernando Brandão dos Santos, pela orientação e paciência.

Aos meus pais, pela confiança inabalável.

Aos meus amigos, pelo apoio emocional.

À Donna Tartt, pela ideia.

## RESUMO

A história feminina na antiguidade grega, marcada pelo isolamento das mulheres em aposentos domésticos e por sua exclusão de ambientes políticos e sociais, pode ser traçada a partir da participação feminina em práticas religiosas que integravam grande parte dos costumes e do funcionamento da cidade. O objetivo deste projeto, portanto, partindo da participação das mulheres no culto ao deus Dioniso, é investigar em que medida os rituais dionisiacos de possessão são capazes de oferecer autoridade às participantes, subvertendo, ou não, seu posicionamento social. Para isso, pretende-se examinar práticas associadas aos ritos, verificando sua veracidade histórica e discutindo a confiabilidade da peça *As Bacantes*, de Eurípides, para retratar autenticamente a imagem do ritual no texto poético.

**Palavras – chave:** Rituais; Dioniso; História Feminina; *As Bacantes*; Eurípides; Religião; Menadismo.

## ABSTRACT

Female history in Greek antiquity, although defined by women's isolation to domestic spaces and exclusion from social and political environments, can be outlined by female participation in religious practices, which, in turn, integrated a significant part of the city's customs and structure. The aim of the project, considering women's participation in the cult of Dionysos, is to investigate to what extent Dionysiac possession rituals are capable of granting authority to the participants, subverting, or not, their social status. To achieve this, I intend to examine the practices associated with the rites, verifying their historical accuracy and debating Euripides' *The Bacchae*'s reliability in authentically portraying the rituals throughout the poetic text.

**Keywords:** Rituals; Dionysos; Female History; *The Bacchae*; Euripides; Religion; Maenadism.

## SUMÁRIO

|                                               |           |
|-----------------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA</b>          | <b>6</b>  |
| <b>2. OBJETIVOS</b>                           | <b>16</b> |
| <b>3. METODOLOGIA E EMBASAMENTO TEÓRICO</b>   | <b>17</b> |
| <b>4. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO</b>              | <b>18</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>             | <b>20</b> |
| <b>ANEXOS</b>                                 | <b>23</b> |
| <b>ANEXO A - Trecho de <i>As Bacantes</i></b> | <b>24</b> |
| <b>ANEXO B - Trecho de Diodoro Sículo</b>     | <b>26</b> |
| <b>ANEXO C - Trecho de Pausânias</b>          | <b>27</b> |

## 1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A maioria dos estudos clássicos caracterizam a condição feminina na Grécia Antiga a partir de dois fundamentos: isolamento e exclusão. Confinadas aos aposentos privados da casa e excluídas de áreas políticas, legislativas e comerciais, as mulheres, cujas ações eram frequentemente restritas e mediadas por um guardião masculino, eram destituídas de autoridade individual. Tal condição, fortalecida pelo discurso grego dominado pelo poder masculino, designava às mulheres papéis sociais marcados pela inadequação e pela inferioridade.<sup>1</sup>

É importante ressaltar que o modelo social de desigualdade entre homens e mulheres não é particular à cultura grega antiga. Rosaldo e Lamphere, em *Woman, Culture, Society* (1974), apontam que a maioria das sociedades da antiguidade, independente de seus modos de organização, é caracterizada por algum nível de dominação masculina, subordinação feminina e assimetria sexual, compondo um fato universal da vida social humana.<sup>2</sup> A história da humanidade, portanto, tem sido constantemente inscrita segundo a perspectiva masculina.

Apesar de persistirem poucos vestígios materiais, produzidos por mulheres, que registrem seus costumes na Grécia Antiga, a história feminina pode ser traçada a partir da participação em rituais religiosos. Barbara Goff, em *Citizen Bacchae: Women's Ritual Practice in Ancient Greece* (2004), argumenta que essas práticas, mais do que quaisquer outras, oferecem materiais significativos para o estudo do envolvimento das mulheres como agentes autônomos na história e na cultura grega.<sup>3</sup> A reconstituição de fontes sobre o assunto é uma tarefa complexa, já que, por muitas décadas, o estudo da história feminina na antiguidade foi amplamente ignorado. Ross S. Kraemer, em *Her Share of the Blessings: Women's Religions among Pagans, Jews, and Christians in the Greco-Roman World* (1994), atribui uma razão para isso:

(...) acadêmicos raramente sequer pensavam sobre o estudo das mulheres. Por trás do seu desinteresse, que era amplamente compartilhado pelo pequeno número de mulheres acadêmicas, situava-se a falsa, significativa e mal-articulada suposição de que a religião humana e a história humana eram idênticas à religião masculina e à história masculina.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> GOFF, 2004, pp. 1 - 2.

<sup>2</sup> ROSALDO; LAMPHERE, 1974, p. 3.

<sup>3</sup> GOFF, 2004, p. 25.

<sup>4</sup> Todas as traduções dos textos em inglês empregados no projeto são de minha autoria. Citação original: "(...) male scholars rarely even thought about the study of women. Behind their disinterest, which was largely shared

Este trabalho de pesquisa, portanto, pretende investigar e reconstruir aspectos da história feminina na antiguidade, partindo de estudos desenvolvidos em relação à participação de mulheres em rituais religiosos, com foco especial no culto ao deus Dioniso. Para isso, é importante estabelecer fundamentos relevantes sobre a religião politeísta grega que está, sobretudo, associada à transmissão oral de narrativas tradicionais que integram um aspecto significativo da individualidade da cultura. Segundo Jean-Pierre Vernant, em *Mito e Religião na Grécia Antiga* (2009), “rejeitar esse fundo de crenças comuns seria, da mesma maneira que deixar de falar grego e deixar de viver ao modo grego, deixar de ser si mesmo”.<sup>5</sup>

Relatadas oralmente no ambiente doméstico desde a infância, essas narrativas, ou mitos, proporcionam meios pelos quais o relacionamento com os deuses é estabelecido e entendido pela cultura grega. A atividade literária, ao preservar a prática oral, realiza um papel importante nesse processo, pois, a partir da poesia, o domínio do divino é representado através de histórias acessíveis e familiares, ainda que revisitadas e reinterpretadas de diversas maneiras. A literatura, portanto, configura-se como uma “instituição que serve de memória social, de instrumento de conservação e comunicação do saber, cujo papel é decisivo”.<sup>6</sup>

A atividade religiosa grega, seja ela manifestação cultural mítica ou prática institucionalizada, pode ser definida como o modo pelo qual os gregos regulamentam sua relação com os deuses e o além.<sup>7</sup> “A religião grega não constitui um setor à parte”, explica Vernant - ela se sobrepõe e se confunde com a vida familiar, profissional e política. “Se é cabível falar, quanto à Grécia arcaica e clássica, de ‘religião cívica’, é porque ali o religioso está incluído no social e reciprocamente.”<sup>8</sup>

Os mitos, contudo, não são os únicos componentes que integram a religião grega. Barbara Kowalzig, em *Singing for the Gods: Performances of Myth and Ritual in Archaic and Classical Greece* (2007), aponta que a melhor maneira de estimular a crença religiosa é colocá-la em “prática”, ou seja, a partir de rituais religiosos.<sup>9</sup> O ritual acontece segundo um roteiro de ações ordenadas e significantes, a partir das quais o participante procura representar

---

by the small number of women scholars, lay the insidious, significant, and unarticulated assumption that human religion and human history were identical with men's religion and men's history.” (KRAEMER, 1994, p. 4).

<sup>5</sup> VERNANT, 2009, p. 14.

<sup>6</sup> VERNANT, 2009, p. 16.

<sup>7</sup> VERNANT, 2009, p. 3.

<sup>8</sup> VERNANT, 2009, p. 7.

<sup>9</sup> KOWALZIG, 2007, p. 2.

sua relação com o deus que cultua. Ao elaborar uma experiência estética e sensorial, as celebrações são capazes de unir os aspectos narrativos do mito a elementos performáticos como gestos, movimento, canto, dança e sacrifício.

O arranjo teatral da narrativa mitológica, portanto, é essencial para que o mito seja eficaz em estimular a convicção no divino. A relação estabelecida entre mito e ritual, entretanto, não é de subordinação ou oposição, mas de *interação*: ambos são capazes de oferecer recursos para o estudo de comportamentos humanos que podem

estabelecer, manter, contestar ou transformar relações sociais e de poder entre membros de uma comunidade onde são atuados, e, como tal, estão fundamentalmente associados a processos históricos.<sup>10</sup>

Kowalzig defende que os rituais, dessa forma, produzem um retrato da sociedade como ela é, pode ser, ou deve ser, revelando relações entre grupos sociais naquele meio.<sup>11</sup>

Antes de explorar as particularidades do ritual dionisiaco, é essencial delinear as principais características relacionadas ao deus. Dioniso é, afinal, deus do quê? Ele representa, segundo Richard Seaford em *Dionysos* (2006),

a encarnação do vinho, dos mistérios e do teatro, e até hoje é reconhecido como um símbolo de algo fundamental à existência humana. Com o poder de sua epifania, Dioniso quebrou as barreiras da consciência individual e uniu o indivíduo ao seu grupo.<sup>12</sup>

Conforme explica Vernant, o deus questiona a ordem humana e social, ofuscando limites entre divisões fundamentais que dão coerência ao mundo, como masculino e feminino, mortal e divino, humano e animal.<sup>13</sup> Seu poder, argumenta Seaford, se encontra na capacidade de transformar identidades, libertando o indivíduo das circunstâncias de sua própria vida.<sup>14</sup> É por esse motivo que Dioniso, mais do que qualquer divindade grega, “atende a uma

---

<sup>10</sup> Original em inglês: “Myth and ritual could work as strategic modes of human action which establish, maintain, challenge, and transform social and power relations between the members of the community in which they are performed, and as such are fundamentally related to historical processes.” (KOWALZIG, 2007, p. 23).

<sup>11</sup> KOWALZIG, 2007, p. 33.

<sup>12</sup> Original em inglês: “the divine embodiment of wine, of mystery-cult, and of the theatre, and even today is valued as a symbol of something fundamental to being human. With the power of his epiphany Dionysos broke down the barriers of individual consciousness, he merged the individual into the group.” (SEAFORD, 2006, p. 1).

<sup>13</sup> VERNANT, 2009, p. 77.

<sup>14</sup> SEAFORD, 2006, p. 11.

necessidade moderna” ao oferecer, segundo o autor, uma experiência de transcendência em meio a uma sociedade fragmentada, marcada pela dominação autoritária e pelo controle social exercido por religiões institucionalizadas.<sup>15</sup>

Arthur Evans, em *The God of Ecstasy: Sex-Roles and the Madness of Dionysos* (1988), vai além, atribuindo à essência dionisiaca a capacidade de subverter a tradição patriarcal que condena forças inconscientes e subversivas do caráter humano.<sup>16</sup> A prática do ritual dionisiaco, pelo contrário, permite que emoções e anseios sejam manifestados, acolhidos e reafirmados como parte intrínseca da identidade individual.

A partir dessa perspectiva e partindo da ideia de que os cultos a Dioniso eram, em sua maioria, exclusivos a mulheres<sup>17</sup>, cabe examinar os limites dessa libertação divina para as participantes dos rituais, as consequências sociais de sua participação nessas celebrações, e em que medida os ritos, considerando a capacidade transformadora e extática da experiência dionisiaca, foram capazes, ou não, de proporcionar subversões de papéis de gênero. Para tanto, é necessário averiguar quais eram as principais práticas exercidas durante os rituais.

Devido a seu caráter secreto, variado e sem local estabelecido, é virtualmente impossível oferecer uma simples e única descrição de como se desenrolava o culto a Dioniso. Contudo, a peça *As Bacantes*<sup>18</sup>, de Eurípides, pode ser um recurso fundamental para entender a experiência dionisiaca e recuperar temas comuns e recorrentes ao ritual. Não se sabe ao certo se as ações realizadas pelas bacantes da peça correspondem com as práticas reais do culto, uma vez que as opiniões sobre a veracidade histórica de tais atividades divergem entre estudiosos da área. Silvia Caballero, por exemplo, em “Maenadic Ecstasy in Greece: Fact or Fiction?” (2013), revela que é impossível discernir quais ações relatadas pela literatura grega são plausíveis e quais denotam apenas motivos literários.<sup>19</sup> Para este projeto, entretanto, é necessário estabelecer uma distinção entre as *bacantes literárias*, descritas por Eurípides, e as *bacantes históricas*, cujas atividades são recuperadas por epigramas e textos não-poéticos de Diodoro Sículo e Pausânias.

A fim de compreender *As Bacantes*, como reflete E.R. Dodds na introdução da edição comentada da obra, é necessário reconhecer que práticas de ὄργια (*órgia*) associadas aos ritos

---

<sup>15</sup> SEAFORD, 2006, p. 5.

<sup>16</sup> EVANS, 1988, pp. 183-184.

<sup>17</sup> ZEITLIN, 1982, p. 132.

<sup>18</sup> Encenada pela primeira vez no festival Dionísias Urbanas, em 406 a.C, após a morte de Eurípides. (PEREIRA, 2017, p. 405).

<sup>19</sup> CABALLERO, 2013, p. 159.

não caracterizam orgias, mas devoção divina; e que βακχεύειν (*bakkheúein*) não é o ato de festejar, mas de atingir uma experiência religiosa de comunhão com o deus, de se tornar ἔνθεος (*éntheos*) - possuído pela presença divina.<sup>20</sup> Essa comunhão é atingida de diversas maneiras na peça, em especial pelas práticas de ὀρειβασία (*oreibasía*) - dança nas montanhas, σπαραγμός (*sparagmós*) - dilaceramento, e ὁμοφαγία (*ōmofagía*) - ato de comer carne crua.

Como revela o Coro na peça (Anexo A), as bacantes de Eurípides, agrupadas em tíasos, corriam em direção às montanhas, praticavam omofagia, dançavam e cantavam ao som dos tambores. Historicamente, sabe-se que a organização das mulheres em tíasos era legítima, como confirma Caballero<sup>21</sup> a partir dos escritos de Diodoro Sículo (90 a.C. - 30 a.C.) apresentados no Anexo B.

E.R. Dodds, por sua vez, afirma que os rituais eram geralmente de natureza extática e que certamente incluíam práticas de ὀρειβασία.<sup>22</sup> Pausânias (110 d.C. - 180 d.C.), em *Descrição da Grécia*, confirma o fato ao mencionar um grupo de mulheres áticas, chamadas de Tíades, que dançavam em celebração a Dioniso no monte Parnaso (Anexo C). Danças ritualísticas, como declara Dodds, oferecem uma experiência religiosa satisfatória e convincente, frequentemente induzindo à percepção de se estar possuído por uma personalidade alheia.<sup>23</sup> Dodds conclui que é possível que as Tíades realmente vivenciaram episódios de alteração mental em decorrência da comunhão divina, mas não se sabe ao certo se tais atividades ainda ocorriam na época de Eurípides.<sup>24</sup>

Em contrapartida, Jan Bremmer, em “Greek Maenadism Reconsidered” (2013), questiona a natureza da possessão e atribui o estado de êxtase atingido no ritual a fatores fisiológicos:

a dança ocorria nas montanhas, e, o que é geralmente ignorado, durante o inverno, de modo que a combinação de esforço físico, ar rarefeito e baixas temperaturas contribuía para que as mulheres atingissem o estado de transe muito mais rápido do que em circunstâncias normais.<sup>25</sup>

<sup>20</sup> DODDS, 1960, p. xiii.

<sup>21</sup> CABALLERO, 2013, p. 163.

<sup>22</sup> DODDS, 1940, p. 156.

<sup>23</sup> DODDS, 1960, pp. xiv - xv.

<sup>24</sup> DODDS, 1960, p. xiv.

<sup>25</sup> Original em inglês: “The dancing took place in the mountains, and, what is usually overlooked, during the winter, so that the combination of physical exertion, thinner air and low temperature helped the women to achieve their state of trance much earlier than normal circumstances would have allowed.” (BREMMER, 1984, p. 280).

Na perspectiva do autor, a falta de oxigênio e de sono influencia o metabolismo do cérebro, e, aliadas a níveis baixos de glicose no sangue e à produção de adrenalina, aumentam a suscetibilidade a visões e alucinações.<sup>26</sup>

Enquanto a prática de ὀρειβασία é historicamente plausível e amplamente corroborada por pesquisadores da área, a opinião quanto à veracidade das práticas de παραγμός e ὁμοφαγία se mostra mais dividida. Uma das menções fundamentais aos atos se encontra em uma inscrição de Mileto, regulamentando os ritos dionisiacos de 276 a.C:

[ . 4 . . ] .Ν ὅταν δὲ ἡ ἱέρεια ἐπι[ τελέσ]ῃ τὰ ἱερὰ ὑπὲρ τῆς πόλ[εω]ς  
[ὄργια] μὴ ἐξεῖναι ὁμοφάγιον ἐμβαλεῖν μηθεὶν πρότερον  
[ἢ ἡ ἱέ]ρεια ὑπὲρ τῆς πόλεως ἐμβάλῃ<sup>27</sup>

Quando a sacerdotisa encena os rituais de sacrifício em nome da cidade toda, ninguém deve *ōmophágion embaleîn* antes que a sacerdotisa tenha-o feito em nome da cidade.<sup>28</sup>

Caballero, evocando Henrichs, sugere que a expressão ὁμοφάγιον se refere a pedaços de carne crua que não eram ingeridos, mas apenas manuseados durante o ritual;<sup>29</sup> ἐμβαλεῖν, portanto, alude ao ato de lançar a carne, de forma a simular a atividade de semear a força vital do animal dilacerado.<sup>30</sup> A autora defende que, apesar da existência de representações de παραγμός em vasos do século VI a.C, a prática, por ser imposta como punição a Penteu em *As Bacantes*, certamente pode ser considerada apenas um motivo literário.<sup>31</sup> Historicamente, segundo Caballero, nada sugere que as mulheres praticavam παραγμός ou ὁμοφαγία, ou mesmo que o estado alterado atingido durante o ritual caracterizava uma possessão ou iluminação sobrenatural; tais atitudes existem apenas no domínio das artes e das representações literárias simbolizando o estabelecimento do culto a Dioniso.<sup>32</sup>

<sup>26</sup> BREMMER, 1984, p. 280.

<sup>27</sup> CABALLERO, 2013, p. 179.

<sup>28</sup> Original em inglês: “Whenever the priestess performs the rites of sacrifice on behalf of the whole city, nobody must *ōmophágion embaleîn* before the priestess has done so on behalf of the city.” (HENRICHs, 1978, p. 150).

<sup>29</sup> CABALLERO, 2013, p. 179, apud HENRICHs, 1982.

<sup>30</sup> CABALLERO, 2013, p. 180, apud HALM-TISSERANT, 2004.

<sup>31</sup> CABALLERO, 2013, p. 177.

<sup>32</sup> CABALLERO, 2013, p. 170 - 178.

Em *The Greeks and the Irrational* (1951), por outro lado, Dodds declara acreditar nas práticas de *σπαργμός* e *ὁμοφαγία*, argumentando com uma passagem de Plutarco<sup>33</sup> sobre a existência de ritos celebrados com a dilaceração e ingestão de carne crua.<sup>34</sup> *ἐμβαλεῖν*, segundo Dodds, não está associado ao simples ato de lançar a carne em um local sagrado; o autor sugere um paralelo entre o ritual apresentado na inscrição de Mileto, previamente mencionado, e um rito extático árabe em que um animal era lançado ao centro de uma praça, onde os devotos o desmembravam e o ingeriam cru.<sup>35</sup>

A ingestão da carne no culto dionisiaco, defende o autor, se configura como uma maneira de facilitar a comunhão do devoto com o deus<sup>36</sup> - os poderes de Dioniso, encarnados no animal dilacerado, são absorvidos e transferidos ao participante do ritual pelo ato de ingestão. A partir dessa prática, os aspectos instintivos da vida humana eram libertados das amarras impostas pela razão e pelos costumes sociais.<sup>37</sup>

Dodds, em suma, não atribui a descrição do comportamento das mulheres em *As Bacantes* apenas à imaginação poética de Eurípides; as evidências históricas, segundo o autor, sugerem que a imagem mítica da bacante não diverge, em grande parte, do comportamento humano observado no culto legítimo.<sup>38</sup> Caballero, contudo, acredita que Eurípides encena um modelo “deformado, exagerado e até falso” do culto, refletindo opiniões masculinas equivocadas sobre os ritos<sup>39</sup>, já que as mulheres descritas pelo autor, assim como a grande maioria das personagens femininas na literatura clássica, foram retratadas segundo a perspectiva de homens. É possível, dessa forma, que o arquétipo propagado por Eurípides tenha sido capaz de influenciar, em grande parte, a imagem violenta e selvagem associada às mulheres seguidoras do deus. Dadas as variadas teorias sobre o assunto, é importante exercer cautela ao recorrer ao modelo euripidiano como paradigmático da conduta historicamente autêntica de participantes do culto.

Estudos orientados pela perspectiva feminista direcionam a discussão para questões sociais e políticas relacionadas à participação de mulheres reais no culto a Dioniso. Os rituais,

---

<sup>33</sup> Plutarco, *De defectu oraculorum*, seção 14. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0252%3Asection%3D14>> Acesso em: 16 de setembro de 2021.

<sup>34</sup> DODDS, 1951, p. 276.

<sup>35</sup> DODDS, 1951, p. 276.

<sup>36</sup> DODDS, 1960, p. xviii.

<sup>37</sup> DODDS, 1960, p. xx.

<sup>38</sup> DODDS, 1951, p. 278.

<sup>39</sup> CABALLERO, 2013, p. 162.

além de oferecerem uma das únicas razões legítimas para se ausentar do ambiente doméstico<sup>40</sup>, proporcionavam à população feminina um espaço que permitia que organizassem aspectos de suas vidas de modo independente. Barbara Goff defende que, ao participar de cerimônias formais, as mulheres eram inseridas na esfera pública da cidade e contavam com a oportunidade de exercer atividades religiosas (visitas a templos, oferendas) com certa autonomia.<sup>41</sup> Simultaneamente, porém, rituais constantemente valiam-se de práticas eficazes em afirmar noções tradicionais e restritivas em relação à identidade feminina, uma vez que uma de suas finalidades era conceber mulheres capazes de desempenhar corretamente o papel a elas atribuído pela comunidade masculina. Assim, a autora define rituais como “arenas de negociação”, onde as participantes encenam, ao mesmo tempo, cenários de aquiescência ao domínio masculino e resistência a ele.<sup>42</sup>

Froma Zeitlin, em “Cultic models of the female: rites of Dionysus and Demeter” (1982), da mesma forma, defende que rituais são, ao mesmo tempo, “contrastes e paralelos da vida social”<sup>43</sup> - enquanto reforçam normas, paradoxalmente oferecem resistência a elas. O culto a Dioniso, por exemplo, ainda que considerado um ritual de inversão da ordem, também é capaz de reafirmar a concepção da natureza feminina aceita pela própria sociedade.<sup>44</sup> Essa natureza é exemplificada por Zeitlin a partir do texto *Timeu*<sup>45</sup>, de Platão, que caracteriza mulheres como criaturas selvagens à serviço de seu útero e sua sexualidade. A irrigação do útero pelo sêmen, por sua vez, é a solução responsável por aplacar a natureza feminina descontrolada - isto é, a estabilidade é apenas alcançada pelo controle patriarcal atingido através do casamento.

Apesar disso, a autora também argumenta que eram nesses círculos ritualísticos que as participantes femininas criavam uma sociedade própria, sem influência da tutela masculina.<sup>46</sup> Goff também apoia a teoria, atestando que esse tipo de prática religiosa proporcionava às mulheres um tipo de “atividade e identidade parapolítica que parcialmente atenua sua

---

<sup>40</sup> ZEITLIN, 1982, p. 129.

<sup>41</sup> GOFF, 2004, p. 2.

<sup>42</sup> GOFF, 2004, p. 4.

<sup>43</sup> ZEITLIN, 1982, p. 130.

<sup>44</sup> ZEITLIN, 1982, p. 134.

<sup>45</sup> “Pelos mesmas razões, aquilo a que nas mulheres se chama ‘matriz’ ou ‘útero’, um ser-vivo ávido de criação, quando está infrutífero durante muito tempo além da época, torna-se irritado – um estado em que sofre terrivelmente. Em virtude de vaguear por todo o lado no corpo e bloquear as vias de saída do sopro respiratório, não o deixando respirar, atira-o para extremas dificuldades e provoca-lhe outras doenças de toda a espécie até que o apetite e o desejo amoroso de cada um deles se reúnam para colherem o fruto.” (PLATÃO, 2011, 91c).

<sup>46</sup> ZEITLIN, 1982, p. 132.

exclusão”<sup>47</sup>, produzindo, nas palavras da autora, “cidades de mulheres”. Com base em inscrições do período helenístico, Goff demonstra que eram nessas “cidades temporárias”, criadas coletivamente durante o ritual, que a população feminina exercia a função de cidadania<sup>48</sup>, essa que, nas cidades usuais, era impraticável.

Como uma de suas fontes, a autora também cita Diodoro Sículo<sup>49</sup>, que descreve celebrações báquicas em que jovens (*παρθένοι* - *parthénoi*) carregam o tirso, enquanto mulheres adultas (*γυναῖκες* - *gynaikes*) executam sacrifícios. Essa inclusão entre faixas etárias, que normalmente não acontece em outros rituais, aponta para uma necessidade, por parte das participantes, de organização e liderança, tal como é fundamental para o funcionamento de uma cidade.<sup>50</sup>

Goff acredita que o estado de possessão divina, possivelmente atingido durante o ritual, pode ser capaz de oferecer autoridade às mulheres participantes.<sup>51</sup> Partindo de estudos antropológicos sobre rituais de possessão, a autora argumenta que cultos extáticos podem evidenciar uma asserção positiva de valores femininos, em oposição a um simples protesto contra a dominação masculina.<sup>52</sup> Assim, ao definir possessão como uma “experiência intelectualmente produtiva que requer, para um desempenho bem-sucedido, mulheres equilibradas e com subjetividade intacta”<sup>53</sup>, é possível então examinar as práticas dionisiacas como atividades criativas e intelectuais, muito mais do que apenas rebeliões oriundas da desigualdade entre gêneros.

O trecho em que Pausânias<sup>54</sup> descreve as práticas das mulheres Tíades também é evocado por Goff como um exemplo de atribuição de autoridade a partir da atividade religiosa. Ao informarem o historiador sobre a experiência do próprio culto, as mulheres são capazes de “desenvolver a consciência de uma tradição especificamente feminina”<sup>55</sup>, agir como informantes competentes e elaborar um discurso autoritário.<sup>56</sup>

<sup>47</sup> Original em inglês: “a parapolitical form of activity and identity that partly remedies their exclusion.” (GOFF, 2004, p. 6).

<sup>48</sup> GOFF, 2004, p. 209.

<sup>49</sup> A passagem pode ser encontrada no Anexo B deste projeto.

<sup>50</sup> GOFF, 2004, p. 215.

<sup>51</sup> GOFF, 2004, p. 282.

<sup>52</sup> GOFF, 2004, p. 276.

<sup>53</sup> Original em inglês: “(...) an intellectually productive experience that requires for its successful performance women with poise and intact subjectivity (...)” (GOFF, 2004, p. 277).

<sup>54</sup> A passagem pode ser encontrada no Anexo C deste projeto.

<sup>55</sup> Original em inglês: “(...) develop a consciousness of a specifically female tradition.” (GOFF, 2004, p. 282).

<sup>56</sup> GOFF, 2004, p. 283.

É importante evidenciar que os estudos da área não são unânimes. Ross Kraemer, por exemplo, contesta o modelo defendido por Zeitlin e Goff, declarando que a ideia de que as atividades religiosas reforçam as experiências femininas e, simultaneamente, oferecem libertação temporária de suas restrições sociais desafia teorias contemporâneas de que o ato religioso não deve desempenhar ambos papéis ao mesmo tempo.<sup>57</sup>

Jan Bremmer, da mesma maneira, acredita que o estado báquico configura apenas uma pseudo-libertação, uma vez que as mulheres participantes eram de classe alta, possuíam escravos, e sua viagem até as montanhas durava apenas um curto período de tempo.<sup>58</sup> O autor define a atividade ritualística como um componente indispensável para a manutenção da vida social grega, comparando-a a visitas a discotecas: a experiência possibilitava que mulheres saíssem de casa, participassem em atividades na companhia exclusivamente feminina e se expressassem de maneira mais autêntica, ainda que temporariamente, até o momento que precisassem retornar ao isolamento.<sup>59</sup>

Silvia Caballero, evocando uma inscrição helenística da cidade de Magnésia<sup>60</sup>, também disputa as teorias de Goff sobre a manutenção da autoridade feminina por meio dos cultos. A autora direciona a atenção para o nome de um dos tíasos citados na inscrição: Katabaites (Καταβαίτων).<sup>61</sup> O termo, por ser masculino, sugere que homens também eram admitidos entre os membros do culto, contrariando a ideia que associa os rituais a rebeliões. A integração do culto como parte indispensável do funcionamento religioso da cidade também se opõe à teoria:

a existência de associações báquicas de ambos os sexos não é apenas a única objeção à ideia do menadismo como um culto extático que desenvolve-se entre mulheres em uma sociedade patriarcal a fim de se rebelarem contra os homens no poder: rebeliões nunca são temporárias ou regulamentadas e nunca ocorrem em momentos ou locais específicos.<sup>62</sup>

<sup>57</sup> KRAEMER, 1994, p. 12.

<sup>58</sup> BREMMER, 1984, p. 285.

<sup>59</sup> BREMMER, 1984, p. 286.

<sup>60</sup> Magnesia, inscrição 324. Disponível em: <<https://epigraphy.packhum.org/text/260765?&bookid=509&location=1682>>. Acesso em: 16 de setembro de 2021.

<sup>61</sup> CABALLERO, 2013, p. 166.

<sup>62</sup> Original em inglês: “The existence of maenadic associations of both sexes is not the only objection to the idea of maenadism as an ecstatic cult which flourishes among women in a patriarchal society in order to rebel against men in power: rebellions are never temporary or regulated and they never take place in specific moments or places. (CABALLERO, 2013, p. 167).

Este projeto, portanto, acredita na importância de elucidar diferentes perspectivas em relação a questões sociais, políticas e religiosas associadas à história feminina na antiguidade. Como reflete Sarah Pomeroy, em *Goddesses, Whores, Wives and Slaves: Women in Classical Antiquity* (1975), ainda que existam diferenças significantes entre sociedades antigas e contemporâneas, é surpreendente observar como certas atitudes em relação às mulheres perduraram através dos séculos.<sup>63</sup> O estudo do passado é, dessa forma, de extrema importância para esse projeto, pois ele é capaz de “iluminar problemas contemporâneos em relacionamentos entre homens e mulheres”.<sup>64</sup>

Além disso, devido à pouca quantidade de bibliografias em português sobre o assunto, o projeto é capaz de viabilizar o acesso às pesquisas da área para o público brasileiro, direcionando a discussão para o cenário nacional e promovendo diálogo entre a literatura clássica e diferentes áreas da cultura e da sociedade.

## 2. OBJETIVOS

O presente projeto tem como objetivo principal investigar aspectos da participação de mulheres livres em práticas religiosas de culto ao deus Dioniso, durante os séculos IV e V a.C. na Grécia Antiga. Para isso, procura-se:

- Estudar elementos específicos da religião grega, buscando entender o papel desempenhado por rituais na cultura e averiguando de que maneira as práticas podem ser consideradas agentes históricos de mudança social e política.
- Discutir a imagem da mulher báquica caracterizada por Eurípides em *As Bacantes*, analisando a confiabilidade de textos poéticos em oferecer, ou não, retratos autênticos de experiências religiosas.
- Examinar práticas comuns pertinentes ao ritual dionisiaco, avaliando sua veracidade histórica a partir de inscrições, epigramas e textos não-poéticos.

---

<sup>63</sup> POMEROY, 1975, p. xvii.

<sup>64</sup> Original em inglês: “The story of the women of antiquity should be told now, not only because it is a legitimate aspect of social history, but because the past illuminates contemporary problems in relationships between men and women.” (POMEROY, 1975, p. xvii).

- Apurar em que medida os rituais dionisíacos de possessão são capazes de oferecer autoridade às participantes femininas, subvertendo, ou não, seu posicionamento social de isolamento e exclusão. Pretende-se, assim, investigar se esses ritos se configuram como atos de rebelião contra poderes vigentes ou atitudes de reafirmação de ideologias patriarcais.

### 3. METODOLOGIA E EMBASAMENTO TEÓRICO

O projeto pretende elaborar uma revisão bibliográfica de estudos sobre a participação feminina em rituais religiosos na antiguidade grega, sustentados, principalmente, por Barbara Goff em *Citizen Bacchae: Women's Ritual Practice in Ancient Greece* (2004), Froma Zeitlin, Albert Henrichs e Ross Kraemer. Ademais, serão também utilizados subsídios teóricos de E.R. Dodds e Richard Seaford sobre dionisismo, bem como estudos sobre religião e cultura grega realizados por Jean-Pierre Vernant em *Mito e Religião na Grécia Antiga* (2009). Além das bibliografias citadas neste projeto, serão também consideradas outras pesquisas consagradas da área, como *Dionysos at Large* (1989), de Marcel Detienne, *Dionysos: Archetypal Image of Indestructible Life* (1996), de Karl Kerényi, *Ancient Mystery Cults* (1987), de Walter Burkert e *Redefining Dionysos* (2013), editado por Alberto Bernabé e outros autores.

A partir da leitura desse aparato teórico será possível desenvolver um estudo gradual que pretende contemplar os principais objetivos do projeto: entender elementos da religião e cultura grega, discutir a bacante euripidiana, descrever práticas dionisíacas e analisar as implicações sociais e políticas da participação feminina nesses rituais.

Os resultados coletados serão analisados e selecionados quanto à sua credibilidade acadêmica e relevância ao tema proposto. Esses dados, devidamente organizados, serão discutidos de forma a contemplar uma análise científica cautelosa, uma vez que a confiabilidade de muitas obras examinadas no projeto, sejam elas literárias ou historiográficas, é duvidosa, principalmente no que se diz respeito à descrição de práticas ritualísticas antigas.

Dessa forma, pretende-se exercer uma pesquisa que procura abordar diferentes perspectivas de estudiosos da área, visando sempre preservar a integridade científica, a

imparcialidade e a prudência ao analisar fontes de dados questionáveis quanto à sua veracidade histórica.

#### 4. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Pretende-se desenvolver o projeto em 26 meses, divididos em quatro etapas:

- **Do 1º ao 6º mês:**

- Leitura e análise do levantamento bibliográfico sobre aspectos da religião e da cultura grega;
- Leitura e análise da peça *As Bacantes*, buscando examinar a representação euripidiana do ritual dionisiaco;
- Início da redação da Dissertação;
- Cumprimento de créditos em disciplinas;
- Cumprimento de créditos de participação em Atividades Complementares (eventos acadêmicos, grupos de pesquisa, produção científica, etc.);
- Reuniões de orientação.

- **Do 7º ao 12º mês:**

- Leitura e análise de textos não-poéticos descrevendo práticas do ritual dionisiaco, com o objetivo de avaliar sua veracidade histórica;
- Continuação da redação da Dissertação;
- Cumprimento de créditos em disciplinas;
- Cumprimento de créditos de participação em Atividades Complementares (eventos acadêmicos, grupos de pesquisa, produção científica, etc.);
- Reuniões de orientação;
- Redação de Relatório Parcial das atividades de pesquisa.

- **Do 13º ao 18º mês:**

- Leitura e análise do levantamento bibliográfico acerca das implicações sociais e políticas da participação das mulheres nos rituais;
- Continuação da redação da Dissertação e preparação para o Exame de Qualificação;
- Reuniões de orientação;

- Exame de Qualificação no final do período, respeitando o prazo de realização do exame de até 18 meses.
- **Do 19º ao 26º mês:**
  - Finalização da versão final da Dissertação a partir das sugestões da banca examinadora;
  - Exame de Defesa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNABÉ, A, et al (Ed.). *Redefining Dionysos*. Berlim: De Gruyter, 2013.

BREMMER, J. N. Greek Maenadism Reconsidered. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*, n. 55, p. 267-286, 1984.

BURKERT, W. *Ancient Mystery Cults*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

CABALLERO, S. P. Maenadic Ecstasy in Greece: Fact or Fiction? In: BERNABÉ, A, et al. *Redefining Dionysos*. Berlim: De Gruyter, 2013.

DETIENNE, M. *Dionysos at Large*. Trad. Arthur Goldhammer. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

DODDS, E. R. Introduction. In: EURIPIDES. *Bacchae*. Oxford: Oxford University Press, 1960.

DODDS, E. R. Maenadism in the Bacchae. *Harvard Theological Review*, v. 33, n. 3, p. 155-176, 1940.

DODDS, E.R. *The Greeks and The Irrational*. Berkeley: University of California Press, 1951.

EURÍPIDES, *As Bacantes*. In: PEREIRA, M. H. da R. *Traduções do Grego*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

EURIPIDES. *Bacchae*. In: MURRAY, G (Ed.). *Euripidis Fabulae, Vol. III*. Oxford: Clarendon Press, 1913.

EVANS, A. *The God of Ecstasy: Sex-roles and the Madness of Dionysos*. New York: St. Martin's Press, 1988.

GOFF, B. *Citizen Bacchae: Women's Ritual Practice in Ancient Greece*. Los Angeles: University of California Press, 2004.

HENRICHS, A. Greek Maenadism from Olympias to Messalina. *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 82, p. 121-160, 1978.

KERÉNYI, K. *Dionysos: Archetypal Image of Indestructible Life*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

KOWALZIG, B. *Singing for the Gods: Performances of Myth and Ritual in Archaic and Classical Greece*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

KRAEMER, R. S. *Her Share of the Blessings: Women's Religions among Pagans, Jews, and Christians in the Greco-Roman World*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

OLDFATHER, C. H. *Diodorus Siculus: Library of History, Volume II*. Cambridge: Harvard University Press, 1935.

PAUSANIAS, *Description of Greece*. Trad. W.H.S. Jones et al. Cambridge: Harvard University Press, 1918. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Paus.+10.4.3&fromdoc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0160>> Acesso em: 13 de setembro de 2021.

PAUSANIAS, *Pausaniae Graeciae Descriptio*. Leipzig: B.G. Teubner, 1903. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Paus.+10.4.3&fromdoc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0159>> Acesso em: 16 de setembro de 2021.

PEREIRA, M. H. da R. *Traduções do Grego*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Trad. Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

POMEROY, S. B. *Goddesses, Whores, Wives and Slaves: Women in Classical Antiquity*. New York: Schocken Books, 1975.

ROSALDO, M. Z.; LAMPHERE, L. *Woman, Culture, Society*. Stanford: Stanford University Press, 1974.

SEAFORD, R. *Dionysos*. New York: Routledge, 2006.

SICULUS, D. *Bibliotheca Historica, Books I-V*. Editado por Immanuel Bekker. Leipzig: B.G. Teubner, 1888-1890. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Diod.+4.3.2&fromdoc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0540>> Acesso em: 13 de setembro de 2021.

VERNANT, J. P. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ZEITLIN, F. I. Cultic Models of the Female: Rites of Dionysus and Demeter. *Arethusa*, v. 15, n. 1/2, p. 129-157, 1982.

## **ANEXOS**

ANEXO A - TRECHO DE *AS BACANTES*

|                                                        |     |
|--------------------------------------------------------|-----|
| ἡδὺς ἐν ὄρεσιν, ὅταν ἐκ θιάσων δρομαίων                | 135 |
| πέση πεδόσσε, νεβρίδος                                 |     |
| ἔχων ἱερὸν ἐνδυτόν, ἀγρεύων                            | 138 |
| αἶμα τραγοκτόνον, ὠμοφάγον χάριν, ἰέμενος              |     |
| ἐς ὄρεα Φρύγια, Λύδι', ὁ δ' ἑξαρχος Βρόμιος,           |     |
| Εὐοῖ.                                                  |     |
| ῥεῖ δὲ γάλακτι πέδον, ῥεῖ δ' οἶνω, ῥεῖ δὲ μελισσᾶν     | 142 |
| Νέκταρι.                                               |     |
| Συρίας δ' ὡς λιβάνου καπνὸν                            |     |
| ὁ Βακχεὺς ἀνέχων                                       |     |
| πυρσώδη φλόγα πεύκας                                   |     |
| ἐκ νάρθηκος αἰσσει                                     | 146 |
| δρόμῳ καὶ χοροῖσιν                                     |     |
| πλανάτας ἐρεθίζων                                      |     |
| ἰαχαῖς τ' ἀναπάλλων,                                   |     |
| τρυφερόν τε πλόκαμον εἰς αἰθέρα ρίπτων.                |     |
| ἄμα δ' εὐάσμασι τοιάδ' ἐπιβρέμει·                      | 151 |
| ᾧ ἴτε βάκχαι,                                          |     |
| ᾧ ἴτε βάκχαι,                                          |     |
| Τμώλου χρυσορόου χλιδᾷ                                 |     |
| μέλπετε τὸν Διόνυσον                                   |     |
| βαρυβρόμων ὑπὸ τυμπάνων,                               | 157 |
| εὔια τὸν εὔιον ἀγαλλόμεναι θεὸν                        |     |
| ἐν Φρυγίαισι βοαῖς ἐνοπαῖσί τε,                        |     |
| λωτὸς ὅταν εὐκέλαδος                                   |     |
| ἱερὸς ἱερὰ παίγματα βρέμη, σύνοχα                      |     |
| φοιτάσιν εἰς ὄρος εἰς ὄρος. <sup>65</sup>              | 165 |
| Que prazer, nas montanhas, quando se sai das correrias | 135 |

<sup>65</sup> EURIPIDES, 1913, vv. 135 - 165.

do tíaso, cair no solo,  
 vestido com o traje sagrado de pele de gamo,  
 andar à caça do sangue do bode imolado, da delícia da omofagia, 140  
 avançando pelas montanhas frígias, lídias, com Brómio à frente!  
 Evoé!  
 Do solo correm rios de leite, rios de vinho, rios de néctar  
 das abelhas.  
 Segurando, como o fumo 145  
 do incenso da Síria, a chama  
 incandescente da tocha do abeto,  
 no alto do bastão,  
 o celebrante de Baco instiga-as à corrida  
 e às danças, sacode as transviadas,  
 impele-as com seus gritos, 150  
 agitando nos ares a sua cabeleira macia.  
 Junto com os clamores ouve-se a sua voz fremente:  
 “Oh! Ide, Bacantes!  
 [Oh!] Ide, Bacantes!  
 No esplendor do Tmolo de áureo curso,  
 cantai a Diónisos 155  
 ao surdo rufar dos tamboris,  
 glorificando o deus – Evoé! Evoé! –  
 com os frígios clamores e vozes estridentes,  
 quando a flauta sonora 160  
 e sagrada os sacros cantos entoa, próprios  
 para os que vão vaguear para a montanha, para a montanha.<sup>66</sup> 165

---

<sup>66</sup> EURIPIDES, 2017, vv. 135 - 165.

## ANEXO B - TRECHO DE DIODORO SÍCULO

καὶ τοὺς μὲν Βοιωτοὺς καὶ τοὺς ἄλλους Ἑλληνας καὶ Θρᾷκας ἀπομνημονεύοντας τῆς κατὰ τὴν Ἰνδικὴν στρατείας καταδείξαι τὰς τριετηρίδας θυσίας Διονύσῳ, καὶ τὸν θεὸν νομίζειν κατὰ τὸν χρόνον τοῦτον ποιεῖσθαι τὰς παρὰ τοῖς ἀνθρώποις ἐπιφανείας. διὸ καὶ παρὰ πολλαῖς τῶν Ἑλληνίδων πόλεων διὰ τριῶν ἐτῶν βακχεῖά τε γυναικῶν ἀθροίζεσθαι, καὶ ταῖς παρθένοις νόμιμον εἶναι θυρσοφορεῖν καὶ συνενθουσιάζειν εὐαζούσαις καὶ τιμώσαις τὸν θεόν· τὰς δὲ γυναῖκας κατὰ συστήματα θυσιάζειν τῷ θεῷ καὶ βακχεύειν καὶ καθόλου τὴν παρουσίαν ὑμνεῖν τοῦ Διονύσου, μιμουμένας τὰς ἱστορουμένας τὸ παλαιὸν παρεδρεῦειν τῷ θεῷ μαινάδας.<sup>67</sup>

E os beócios e outros gregos e os trácios, em memória à campanha até a Índia, estabeleceram sacrifícios a cada dois anos a Dioniso, e acreditavam que, naquele momento, o deus se revelava aos seres humanos. Consequentemente, em várias cidades gregas, a cada dois anos, grupos de mulheres báquicas se reúnem, e é definido que as jovens carreguem o tirso e participem da festa frenética, clamando “Evoé!” e honrando o deus; enquanto as mulheres mais velhas, em grupos, oferecem sacrifícios ao deus e celebram seus mistérios e, em geral, exaltam com hinos a presença de Dioniso, atuando, dessa maneira, o papel das ménades que, segundo a história, eram as velhas companheiras do deus.<sup>68</sup>

<sup>67</sup> SICULUS, 1888-1890, 4.3.2-3.

<sup>68</sup> Original em inglês: “And the Boeotian and other Greeks and the Thracians, in memory of the campaign in India, have established sacrifices every other year to Dionysos, and believe that at that time the god reveals himself to human being. Consequently in many Greek cities every other year Bacchic bands of women gather, and it is lawful for the maidens to carry the thyrsus and to join in the frenzied revelry, crying out ‘Euai!’ and honouring the god; while the matrons, forming in groups, offer sacrifices to the god and celebrate his mysteries and, in general, extol with hymns the presence of Dionysos, in this manner acting the part of the maenads who, as history records, were of old the companions of the god.” (OLDFATHER, 1935, 347).

### ANEXO C - TRECHO DE PAUSÂNIAS

τὸ ἕτερον δὲ οὐκ ἐδυνήθην συμβαλέσθαι πρότερον, ἐφ' ὅτῳ καλλίχορον τὸν Πανοπέα εἶρηκε, πρὶν ἢ ἐδιδάχθην ὑπὸ τῶν παρ' Ἀθηναίοις καλουμένων Θυιάδων. αἱ δὲ Θυιάδες γυναῖκες μὲν εἰσιν Ἀττικάι, φοιτῶσαι δὲ ἐς τὸν Παρνασσὸν παρὰ ἔτος αὐταί τε καὶ αἱ γυναῖκες Δελφῶν ἄγουσιν ὄργια Διονύσῳ. ταύταις ταῖς Θυιάσι κατὰ τὴν ἐξ Ἀθηνῶν ὁδὸν καὶ ἀλλαχοῦ χοροὺς ἰστάναι καὶ παρὰ τοῖς Πανοπεῦσι καθέστηκε: καὶ ἡ ἐπίκλησις ἢ ἐς τὸν Πανοπέα Ὀμήρου ὑποσημαίνει τῶν Θυιάδων δοκεῖ τὸν χορόν.<sup>69</sup>

A passagem anterior, em que Homero fala sobre os lindos pisos de dança do Panopeu, eu não entendi até ser ensinado pelas mulheres chamadas pelo atenienses de Tíades. As Tíades são mulheres áticas que, juntamente com as mulheres délficas, vão até o Parnaso a cada dois anos e celebram orgias em honra a Dioniso. É costumeiro que essas Tíades dançam nos locais, incluindo o Panopeu, ao longo da estrada de Atenas. O epíteto que Homero aplica ao Panopeu é considerado uma referência à dança das Tíades.<sup>70</sup>

<sup>69</sup> PAUSANIAS, 1903, 10.4.3.

<sup>70</sup> Original em inglês: “The former passage, in which Homer speaks of the beautiful dancing-floors of Panopeus, I could not understand until I was taught by the women whom the Athenians call Thyiads. The Thyiads are Attic women, who with the Delphian women go to Parnassus every other year and celebrate orgies in honor of Dionysus. It is the custom for these Thyiads to hold dances at places, including Panopeus, along the road from Athens. The epithet Homer applies to Panopeus is thought to refer to the dance of the Thyiads.” (PAUSANIAS, 1918).